

29 JUL 1989

O terror global

LUIZ CLÁUDIO CUNHA

Nove candidatos a presidente abriram o debate pela televisão num encontro histórico promovido pela TV Bandeirantes. Uma semana depois, democraticamente, o presidente José Sarney, alvo natural das críticas mais duras dos debatedores, ocupou o mesmo canal para responder aos ataques. Muitos gostaram do veemente desempenho de Sarney, e muitos condenaram. O jornal O Globo gostou, como sempre, mas foi além — e desancou os jornalistas que, pela contundência e firmeza, deram ao presidente da República a chance de fazer sua mais franca e difícil apresentação, via Embratel, diante das brasileiras e brasileiros. Em editorial de primeira página, o jornal carioca atacou os entrevistadores pelo "requisitório policialesco, de uma impertinência sem limites", confessando-se talvez perplexo por constatar que nem tudo o que pinta de novo, na televisão brasileira, pinta na tela da Globo, o braço eletrônico do jornal.

Com a cara e a coragem, Sarney veio a público armado com a emoção, e nem sempre escoltado pela razão. Mas mostrou-se firme diante de uma bancada de quatro jornalistas rigorosos, donos de uma ficha profissional impecável e intérpretes honestos das perguntas mais duras que inquietam a sociedade. Em 75 minutos de confronto aberto com questões como corrupção, empreguismo e o turismo de amigos pela França, Sarney fez mais por sua imagem do que em anos de falatório burocrático nas suas conversas radiofônicas semanais. Cara a cara com jornalistas, Sarney não fugiu de nenhuma questão — convencido de que perguntar não ofende.

Mais presidencialista do que o presidente, porém, O Globo se ofendeu. Afinal, quem não está acostumado estranha. Cenas explícitas de debate ou entrevista mais veemente, como na Bandeirantes, seriam talvez caso de polícia na Globo. O formato inflexível da programação da maior rede de TV do País não permite trocar a audiência cativa e enlatada da "Tela Quente" pelo baixo ibope

do presidente da República. A coragem da Bandeirantes e a disposição não menos corajosa de Sarney de conceder a entrevista mostram que é possível tratar a audiência com inteligência, dando à televisão o sentido público que ela precisa desempenhar, num país amordaçado pelo baixo nível de escolaridade.

**É possível
tratar a
audiência
com
inteligência**

O debate duro com o presidente, sem perguntas prévias ou indulgências, honrou quem perguntava, engrandeceu quem respondia e gratificou a quem assistia a tela quente do jogo democrático. E provou que é possível exercer o bom jornalismo com a maior autoridade pública do País mesmo numa área da comunicação sujeita à concessão do poder. Não havia entrevistador impertinente nem presidente policial no estúdio da Bandeirantes. Havia, apenas, o encontro pertinente de Sarney com as questões de interesse direto de quem sempre polícia os presidentes num regime aberto: a opinião pública.

Um debate desse teor na TV Globo seria tão fantástico, hoje, quanto uma denúncia de corrupção na primeira página do Pravda em pleno reinado do casmurro camarada Andropov, anos atrás. Mas hoje já se lê muita crítica nos jornais oficiais do seu sorridente sucessor, Gorbachov, o que nos dá motivos para sermos otimistas quanto ao futuro da TV Globo. Sem impertinências. A concessão de um serviço público para fazer uma televisão ou editar uma lista telefônica não implica a submissão ao poder concedente — até porque é a lei, não o rei, que zela pelo interesse do cidadão. Um dia depois da queda da Bastilha, o insuspeito e nobilíssimo Mirabeau ensinava, na Assembléia Constituinte, que "o silêncio dos povos é a lição dos reis". Na Constituinte brasileira, quase dois séculos depois, os repórteres da TV Globo circulavam em Brasília procurando esquecer o que os revolucionários franceses da "Montanha" e da "Planície" tinham descoberto no século XVIII. Era proibido falar em "esquerda" ou "direita" no jornalismo global. "Conservador" ou "progressista" também era palavra. No jacobino manual global, o mundo se dividia entre "moderados" e "radicais". O terror, diria Robespierre lendo O Globo, é de uma impertinência sem limites.